

## Em busca da Surdidade: o entre-lugar da cultura surda na contemporaneidade

*En busca de la Sordedad: el entre-lugar de la cultura sorda en la época contemporánea*

Gabriele Vieira Neves<sup>1</sup>

### Resumo

Os termos “identidade” e “cultura surda” têm sido largamente utilizados nos últimos anos para se referir às experiências de pessoas surdas ao redor do mundo. Isso decorre do esforço coletivo de pesquisadores dos chamados *Estudos Surdos* para deslocar a surdez dos discursos clínicos da deficiência e da anormalidade. Entretanto, acredita-se que seja necessário repensar os usos desses termos sob pena de se cair em um essencialismo e num binarismo que não transcende os processos individuais de identificação. Cada vez mais se faz necessário pensar em políticas de “identidades surdas” interseccionalizadas, em que se considerem também aspectos como gênero, etnia, classe social, etc, os quais também constituem as relações pessoais, sociais e determinam as formas dos sujeitos interagirem entre si e com o mundo. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é compreender o entre-lugar da surdidade e da cultura surda na contemporaneidade. Utilizou-se como referencial teórico os estudos de autores como Paddy Ladd, Harlan Lane, Carlos Skliar, Zigmunt Bauman, Stuart Hall, Djamila Ribeiro e Judith Butler. Conclui-se que o conceito de *surdidade*, proposto por Paddy Ladd (2011) pode representar um avanço para um entendimento mais amplo das experiências de *ser-surdo-no-mundo*, sem enquadrar na categoria de deficiência auditiva toda a experiência de ser surdo.

Palavras-Chave: Surdidade; Cultura Surda; Identidades Surdas; Interseccionalidade.

### Resumen

Los términos "identidad" y "cultura sorda" se han utilizado ampliamente en los últimos años para referirse a las experiencias de las personas sordas en todo el mundo. Esto surge del esfuerzo colectivo de los investigadores de los denominados *Estudios Sordos* para desplazar la sordera de los discursos clínicos de discapacidad y anormalidad. Sin embargo, se cree que es necesario repensar los usos de estos términos, bajo el riesgo de caer en un esencialismo y binarismo que no trasciende los procesos de identificación individual. Cada vez es más necesario pensar en políticas de “identidades sordas” interseccionalizadas, que también consideren aspectos como género, etnia, clase social, etc, que también constituyen relaciones personales y sociales y determinan las formas en que los individuos interactúan entre sí, ellos mismos y el mundo. En este sentido, el objetivo de este estudio es comprender la interrelación de la *sordedad* y la cultura sorda en la época contemporánea. Se utilizaron como marco teórico estudios de autores como Paddy Ladd, Harlan Lane, Carlos Skliar, Zigmunt Bauman, Stuart Hall, Djamila Ribeiro y Judith Butler. Se concluye que el concepto de *sordedad* propuesto por Paddy Ladd (2011) puede representar un avance para una comprensión más amplia de las experiencias de ser-sordo-en-el-mundo, sin incluir en la categoría de deficiencia auditiva toda la experiencia de ser surdo.

Palabras clave: Sordedad; Cultura sorda; Identidade sorda; Interseccionalidad.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL e professora do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC; Palhoça, Santa Catarina, Brasil; [gabriele.neves@ifsc.edu.br](mailto:gabriele.neves@ifsc.edu.br)

## 1. Introdução

Segundo Ladd (2011), a utilização da noção de cultura surda é relativamente recente no meio acadêmico. Iniciou-se timidamente com os estudos de “subculturas” por Lunde (1956), passou pelos estudos sobre a “vida comunitária surda” de Higgins (1980), chegando até os “aspectos sociais da surdez” de Christiansen e Meiseger (1986). (LADD, 2011). Desde então, outros termos afins como identidade surda e povo surdo passaram a ser empregados também nos chamados Estudos Surdos. Entretanto, tanto o conceito de cultura, quanto o de identidade e de povo já foram mais profundamente estudados e revistos pelos teóricos e estudiosos da cultura, o que torna imperativa uma revisão de seus usos no contexto das produções culturais de artistas surdos.

Para Hall (2008), os contatos permanentes com culturas e formas distintas de viver, abalaram as antigas concepções de “identidade” tidas até então como fixas, imutáveis e ligadas unicamente a um elemento agregador. O autor refere-se a um descentramento do sujeito e de um constante deslocamento de “identidades”, que passa a ser associada às posições que o sujeito assume ao longo de sua trajetória. O caráter performativo da “identidade” do sujeito pós-moderno descarta a possibilidade de se pensar num sujeito contínuo ou na identidade como uma forma de suturar o indivíduo a uma única sociedade e posição social. Isso porque os indivíduos são constituídos por várias formas de identificação e se deslocam continuamente de uma para outra, conforme são interpelados, se formando e transformando. Esses deslocamentos ocorrem tanto no âmbito social, em que novas formas híbridas tomam o lugar das decadentes identidades nacionais, quanto nas subjetividades, onde se observa a perda da ideia de um sujeito integrado. (HALL, 2008).

Em escritos mais recentes, Hall (2016) começou a tratar também sobre a relação entre “identidade” e diferença, nos quais a reconceitualização da “identidade” precisa ser pensada em relação à diferença. Desta forma, fica claro que as formas de identificação não são dadas pela natureza, são formadas cultural, histórica e politicamente. E, acima de tudo, são formadas na relação dialógica com a Outridade, pois somente quando há um Outro é possível saber quem você é, “a identidade é a relação do Outro consigo mesmo.” (HALL, 2016, p. 322). Em suma, esse novo acordo entre “identidade” e diferença, sugerido por Hall (2016), poderia ser melhor entendido pelo termo composto identidade-diferença. Identidade-diferença que não é nem identidade, nem diferença, mas as duas coisas ao mesmo tempo, e, portanto, indissociáveis e móveis. Assim como diversos movimentos sociais que, após 1968, tentaram organizar-se politicamente dentro de uma relação de identificação, os surdos também buscaram sua unidade a partir da invenção da “identidade surda”. Nas décadas de 1980 e 1990, auge do movimento de afirmação da comunidade surda no Brasil, o surdo ideal era aquele usuário fluente da língua de sinais, que namorava ou casava apenas com surdos, que não falava, que não usava nenhum tipo de aparelho auditivo, e acima de tudo, que tinha uma certa hostilidade com relação tudo o que vinha do “mundo dos ouvintes”. Era o que os surdos chamavam de “surdos-puros”. Esse fechamento em uma suposta “identidade surda” nos anos que sucederam ao oralismo é compreensível, tendo em vista a necessidade de se afirmar mediante o poder normalizador exercido historicamente pelos ouvintes. Entretanto, esse modelo de “surdo ideal” acabou excluindo da comunidade surda, aqueles surdos que não se conformavam a este padrão, ou seja, que não eram fluentes na língua de sinais, que optaram por usar aparelho auditivo ou fazer a cirurgia do implante coclear, que gostavam de música, que tinham alguma deficiência associada a surdez etc. Contraditoriamente, a diferença era negada dentro de um grupo que buscava se

afirmar como diferente. Ou seja, os processos de identificação quando não problematizados originam um pensamento estreito da diferença e são uma chave de ignição para a opressão.

Com o passar do tempo, e com o maior acesso à educação e à informação por parte da comunidade surda, começou-se a perceber as limitações de uma circunscrição num modelo ideal, bem como a necessidade de se envolver com outros movimentos que tem pautas de lutas afins às causas surdas. A necessidade constante de deslocamento de identificações e as múltiplas posições que os indivíduos são chamados a assumir ao longo da vida fazem com que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das inseguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionem”. (BAUMAN, 2005, p. 33). Com os surdos, o processo não haveria de ser diferente, pois são sujeitos que também estão inseridos no contexto contemporâneo e são interpelados por diversas possibilidades além de serem surdos. Essa outra percepção desconstrutora da ideia de “identidade” começa a aparecer em textos de pesquisadores dos estudos surdos no Brasil, como por exemplo Perlin (2000), que afirma ser a “identidade surda” apenas um aspecto da identidade cultural, não caracterizando a totalidade da subjetividade da pessoa. (PERLIN, 2000).

Skliar (2003) propõe que se transcenda os processos individuais de identificação, fazendo referência a uma política de “identidades surdas” em que se considerem também outros aspectos, tais como: gênero, etnia, classe social, que influenciam de maneira decisiva nas relações pessoais, sociais e nas formas desses sujeitos interagirem com o mundo. Na mesma direção, Bauman (2012) afirma que todas as identidades são feitas de diferenças e continuidades. A sociedade e a cultura mantêm suas formas de identificação, mas elas nunca são as mesmas por muito tempo, elas permanecem pela mudança. (BAUMAN, 2012). Essas mudanças na “política das identidades” impeliram os surdos a se perceberem de forma mais complexa, cada vez mais interseccional. Por exemplo, uma mulher-surda-negra-homossexual-pobre-analfabeta vivencia sua identidade surda de forma diferente de um homem-surdo-branco-heterossexual-classe-média-universitário. Ou seja, está claro que a experiência de ser surdo(a) não cabe em uma identidade. Mas nem por isso deixa de existir um traço em comum que une essas pessoas com experiências diversas em torno de um sentimento de pertencimento a uma comunidade com um passado de lutas em comum. Ainda segundo Bauman (2012), “todas as identidades – incluindo a identidade das ideias - são feitas de diferenças e continuidades”. (BAUMAN, 2012 p. 2).

Butler (2017) afirma que, diferentemente de um raciocínio fundacionista da política de identidades que pressupõe um sujeito de existência estável anterior ao campo cultural que ele articula, é mais viável pensarmos em outras configurações da política na qual não é necessário haver um agente por trás do ato, pois ele é construído no e através do ato. (BUTLER, 2017). Segundo essa perspectiva não existe um “eu” pré-discursivo ou que seja determinado pelo discurso que exclua a possibilidade de ação, a identidade, neste caso, pode ser entendida como uma prática. Nesse sentido, Ladd (2011) também nos ajuda a compreender as formações identitárias dos surdos como práticas, ao dizer que as pessoas surdas estão comprometidas com uma práxis diária, em um contínuo diálogo interno e externo no qual a existência como pessoa surda é tida como um processo de chegar a ser e de manter-se surdo. Além disso, essa existência “também reflete diferentes interpretações sobre a surdidade, sobre o que poderia significar ser uma pessoa surda em uma comunidade surda”. (LADD, 2011, p. 4, tradução livre).

## **2. Surdidade e interseccionalidade: uma alternativa conceitual à lógica identitária**

Para designar esse estado de existência de “ser-surdo-no-mundo” de forma não totalizante, a comunidade surda usuária do inglês como segunda língua passou a adotar o termo *deafhood*, aqui traduzido como surdidade. Até então, o termo médico “surdez” era utilizado para enquadrar na categoria de deficiência auditiva toda a experiência de ser surdo. A palavra surdidade, por sua vez, não designa um estado finito e essencial, mas um processo pelo qual os surdos concretizam suas “identidades surdas” em torno de vários conjuntos ordenados priorizando diferentes princípios que são afetados por múltiplos fatores, tais como, nação, contexto histórico, classe etc. (LADD, 2011). Diferentemente da condição médica e estática que o termo “surdez” subentende, a surdidade representa um processo. Nas palavras de Ladd (2001) é “a luta de cada criança surda, de cada família surda e adulto surdo para explicar-se a si mesmo e para explicar aos demais sua própria existência no mundo”. (LADD, 2011, p. 3).

Assim como as formas de identificação, as culturas se constituem dessa ambivalência, entre mudança e permanência. Entre mudança porque pode ser entendida como capacidade de resistir à norma, de criatividade, de autocrítica e transcendência. E de permanência, pois é portadora de valores e normas interiorizadas, e, portanto, instrumento de rotinização, de partes onde as novas gerações podem dizer que fazem parte desta cultura. (BAUMAN, 2012). Conforme afirma Harlan Lane (1996), “a cultura surda não está vinculada com um único lugar, uma ‘terra natal’, é uma cultura baseada nas relações entre pessoas que tem uma base comum em diferentes lugares”. (LANE, 1996, p. 163, tradução livre).

Mas se a cultura surda não se localiza em um território específico, e os surdos convivem diariamente no território ouvinte, qual é, afinal, o lugar da cultura surda? Ou ainda, se pessoas surdas e ouvintes vivem no mesmo tempo histórico e no mesmo espaço geográfico, como é possível pensar em uma Cultura Surda que seja distinta da “cultura ouvinte”? Se vemos os mesmos filmes e programas de televisão, usamos as mesmas roupas, temos acesso às mesmas tecnologias, temos a mesma certidão de nascimento de brasileiros, ou de qualquer país que seja, porque pensar que existe uma Cultura Surda? Diferentemente de um “lugar-nenhum”, podemos dizer que as Culturas Surdas se realizam em um entre-lugar. Ou seja, nem no território puramente surdo, nem exclusivamente no território ouvinte, mas em um “entre” os dois espaços. Santiago (2000) esclarece que o entre-lugar se localiza nesse lugar aparentemente vazio, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e expressão, entre a prisão e a transgressão. (SANTIAGO, 2000).

Edwards (2012) afirma que os surdos e as pessoas ouvintes compartilham um passado em comum e isso não poderia ser diferente, pois a maioria das pessoas surdas nasce em famílias ouvintes. Isso faz com que suas vidas e histórias estejam radicalmente interligadas. Entretanto, essa imersão na cultura ouvinte parte daquilo que consideramos um entre-lugar surdo. Refletindo sobre a questão levantada no parágrafo anterior, quando nos referimos ao fato de surdos e ouvintes terem a disposição os “mesmos filmes e programas de televisão, as mesmas roupas e as mesmas tecnologias”, é importante pensarmos que a materialidade desses artefatos é a mesma, mas a recepção e os usos dessa materialidade são diversos. Por exemplo, uma pessoa surda pode ter acesso a um telefone celular, mas faz um uso diferente daquele que faz uma pessoa ouvinte. Ela possivelmente não realiza chamadas de voz e nem se comunica por mensagens de áudio em aplicativos de mensagem. Por outro lado, talvez muito mais do que a maior parte das pessoas ouvintes, os surdos utilizam chamadas de vídeo, e gravam vídeos em língua de sinais em mensagens privadas e em grupos, diariamente. Da mesma maneira, a experiência de assistir a um filme sem trilha sonora também não é a mesma que uma experiência com áudio, as percepções de detalhes de imagem e as necessidades de inferências são muito diferentes.

Para além da experiência sensorial diferenciada, acrescenta-se às experiências de surdidade as exclusões cotidianas dos meios de comunicação e de produções artísticas devido à falta ou à precária acessibilidade em língua de sinais. A condição de usuário de uma língua diferente da língua majoritária tensiona as existências surdas num constante movimento de traduzir e de traduzir-se para os outros que nem sempre estão disponíveis para esse exercício de alteridade. O preconceito, a indiferença, os olhares de estranhamento, tudo isso ecoa na subjetividade e nos modos de ver dos surdos e produzem experiências e perspectivas distintas. Nas palavras de Ribeiro (2019), “os saberes produzidos pelos grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursivos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”. (RIBEIRO, 2019, p. 75).

### 3. Conclusões

A experiência de ser surdo em um mundo majoritariamente ouvinte produz subjetividades surdas marcadas por diferentes fatores: gênero, raça, classe, contextos históricos partilhados, práticas normalizadoras, olhares de estranhamento. A interseccionalidade desses elementos além de subjetividades singulares, produz políticas surdas plurais, que se formam no entre-lugar dos discursos da anormalidade e da cultura, sempre em um movimento de mudanças, retornos, lutas e resistências. O conceito de surdidade proposto por Pady Ladd, mostra-se uma alternativa conceitual para o problema da cristalização da identidade e da cultura surda num modelo idealizado e essencialista.

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- EDWARDS, R. A. R. *Words Made Flesh: Nineteenth-Century Deaf Education and the Growth of Deaf Culture (The History of Disability)*. NYU Press. Edição do Kindle, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Etnicidade: identidade e diferença*. *Crítica Cultural*. v.11, n.2, p. 317-327, jul./dez. 2016.
- LADD, Paddy. *Comprendiendo la cultura sorda: en busca de la Sordedad*. Gobierno de Chile. Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, Fondo Nacional de Fomento del Libro y la Lectura, Concepción, 2011.
- LANE, Harlan. *A Journey into the Deaf-World*. DawnSignPress. Edição do Kindle, 1996.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polen, 2019.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: Ensaio sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.